

Mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise bibliométrica sob a perspectiva da interseccionalidade de gênero e raça

Gláucia Pinto e Porto

Fernando Freitas Carneiro

Luiz Claudio de Almeida Teodoro

Lilian Bambirra de Assis

Lívia Maria De Pádua Ribeiro

Resumo: O objetivo do estudo foi analisar o levantamento da produção científica sobre mulheres negras no mercado de trabalho, sob a ótica da interseccionalidade de gênero e raça. Como estratégia metodológica foi adotada bibliometria, utilizando dados da base *Scopus* (Elsevier), entre os anos de 2015 e 2024 para mapear o panorama da literatura, identificar lacunas e fundamentar futuras investigações. A abordagem teórica visou a elucidação sobre os conceitos de machismo, misoginia e racismo, e a interseccionalidade entre os marcadores de gênero e raça, e a discussão do lugar da mulher negra no mercado de trabalho. Como resultado aponta-se a liderança dos Estados Unidos na produção científica, seguidos pelo Brasil, com significativa participação de universidades nacionais. As Ciências Sociais e Negócios, Gestão e Contabilidade são as áreas temáticas com maior volume de publicações. Conclui-se que a produção científica sobre o tema é aquém de sua relevância, evidenciando uma lacuna na literatura e a urgência de mais estudos aprofundados para promover equidade e justiça social, ressaltando a importância da lente interseccional para compreender as desigualdades que impactam a trajetória profissional dessas mulheres.

Palavras-Chave: mulheres negras; mercado de trabalho; bibliometria.

1. Introdução

A persistência das desigualdades de gênero e raça, causadoras de fenômenos como machismo, misoginia e racismo estrutural, impõe desafios únicos à trajetória profissional e a colocação de mulheres negras no mercado de trabalho. A interseccionalidade de gênero e raça, conceito que reconhece a sobreposição de diferentes sistemas de opressão, gerando experiências únicas e particulares de subordinação em mulheres negras, e sua necessidade de resistência, é fundamental para compreender a complexidade desses fenômenos (Akotirene, 2019). Esta intersecção também influencia diretamente os processos de tomada de decisão de mulheres negras no ambiente organizacional, onde estas decisões são constantemente vistas pela dupla lente do gênero e da raça, defendida por Crenshaw (1989), criando dilemas decisórios específicos que não são experimentados por outros grupos. Os processos decisórios, desde escolhas de carreira até decisões cotidianas no ambiente de trabalho, são permeados por considerações estratégicas sobre como navegar em ambientes frequentemente hostis, minimizar estereótipos e maximizar oportunidades de desenvolvimento profissional. Compreender que a interseccionalidade afeta estes processos decisórios é fundamental para desenvolver políticas organizacionais verdadeiramente inclusivas. Para esta reflexão, faz-se necessário entender as experiências de mulheres negras no ambiente de trabalho, quaisquer que sejam, através de uma análise que combine várias teorias e métodos. Este estudo une a conceitualização de machismo, misoginia, racismo e a interseccionalidade de raça e gênero e propõe uma análise bibliométrica para analisar o panorama da produção científica sobre as mulheres negras no ambiente de trabalho, identificando o quantitativo de produção ao longo dos anos, e os principais autores, instituições, áreas temáticas e países que abordam essa temática, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do lugar ocupado por estas mulheres e para o fornecimento de base teórica para a construção e o direcionamento de futuras investigações. Esta pesquisa possui caráter exploratório devido à lacuna identificada na literatura nacional e internacional sobre o tema. Essa carência ressalta a urgência de estudos que abordem a situação das mulheres negras no mercado de trabalho.

Problema de pesquisa: Face às desigualdades de gênero e raça que impactam mulheres negras no mercado de trabalho, e de como os processos decisório destas mulheres são afetados pela

complexidade de suas experiências interseccionais, torna-se imperativo mapear a produção científica sobre este tema, visando fundamentar novas investigações e identificar lacunas existentes neste campo de estudos. Assim, busca-se responder: Qual o panorama da produção científica sobre mulheres negras no mercado de trabalho, considerando a aplicação da interseccionalidade de gênero e raça?

Objetivo Geral: Analisar a produção científica sobre mulheres negras no mercado de trabalho nos últimos 10 anos (2015 a 2024), a fim de capturar as tendências mais recentes e relevantes, a partir da perspectiva da interseccionalidade de gênero e raça.

Objetivos Específicos: (1). Identificar a evolução da produção científica sobre mulheres negras no mercado de trabalho, no período de 2015 a 2024, destacando o volume anual de publicações, os principais autores, instituições, áreas temáticas e países envolvidos na temática. (2). Aprofundar a discussão teórica sobre os conceitos de machismo, misoginia, racismo e a interseccionalidade de gênero e raça, analisando sua relação com a posição ocupada pelas mulheres negras no mercado de trabalho.

2. Fundamentação teórica

A fundamentação compreende a elucidação sobre os conceitos de machismo, misoginia e racismo, além da necessidade de discussão da interseccionalidade entre os marcadores de gênero e raça, e a discussão do lugar da mulher negra no mercado de trabalho. Para entender as experiências de mulheres negras no ambiente de trabalho, quaisquer que sejam, precisamos de uma análise que combine essas diversas teorias.

1.1. *Machismo, Misoginia e Racismo*

O machismo e a misoginia são fenômenos que se manifestam de diversas formas no ambiente organizacional, criando barreiras para a ascensão feminina e não se manifestam apenas em atos isolados, mas estão enraizados em estruturas organizacionais e práticas culturais que, somadas, criam um campo desigual onde o caminho para a liderança é significativamente mais árduo para as mulheres. No entanto, para as mulheres negras, essas opressões se somam ao racismo,

configurando uma experiência de discriminação múltipla. Para avançarmos na discussão, faz-se necessário a compreensão desses termos. A misoginia, segundo Cavalcanti (2020), tem sua origem etimológica no grego “miseó” e “gyné” que podem ser traduzidas, respectivamente, como “odiar” e “mulher”, sendo popularmente o ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. Já o machismo refere-se à suposição de que a masculinidade é superior à feminilidade. O termo é frequentemente usado no movimento feminista para descrever a violência masculina, criticando o domínio do patriarcado nas relações de gênero. A estrutura mantida pelo machismo é usada como ferramenta de silenciamento de mulheres, manifestando-se no assédio sexual e psicológico, até às violências físicas, incluindo o feminicídio. Este comportamento masculino reflete na desvalorização do trabalho feminino, como a crença de que o trabalho da mulher é inferior ou menos importante.

Para mulheres negras, entretanto, a opressão de gênero configura-se de maneira substantivamente distinta, uma vez que se entrelaça indissociavelmente com o racismo estrutural, produzindo experiências específicas de subordinação (Akotirene, 2019).

Conforme Sueli Carneiro (2003), a interseccionalidade entre racismo e sexismo cria um sistema particular de opressão que não pode ser compreendido pela simples soma de discriminações isoladas. A autora pontua que, em geral, não é suficiente a superação das desigualdades geradas pela hegemonia masculina historicamente enraizada na sociedade, mas ela depende também da superação de ideologias complementares, como é o caso do racismo.

Ainda segundo a autora, como consequência desta sobreposição de sistemas opressivos, mulheres negras enfrentam cotidianamente micro agressões frequentemente naturalizadas que, apesar de sua aparente sutileza, reforçam estereótipos raciais e de gênero, perpetuando sua subalternização tanto no âmbito social mais amplo quanto nos espaços organizacionais específicos. Estas agressões se manifestam de diversas formas, como o toque não consentido aos cabelos de uma mulher negra, por classificar o cabelo africano como "cabelo ruim" (Kilomba, 2019).

Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o "cabelo ruim" com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados "sinais repulsivos" da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. (KILOMBA, 2019, p. 127)

Carneiro (2003) também identifica o constante silenciamento da mulher negra no ambiente de trabalho como uma micro agressão recorrente: quando estas mulheres ocupam posições de poder e são constantemente questionadas sobre sua competência e têm que provar seu valor repetidamente, em um sufrágio que não é imposto a seus pares brancos. O racismo insere as mulheres negras, de forma particular, em um lugar de inferioridade social dos segmentos negros da população em geral, operando adicionalmente como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se estabelecem para as mulheres brancas (Carneiro, 2003).

Assim, a manifestação do machismo afeta todas as mulheres da sociedade, mas intensifica seus impactos em mulheres negras devido a sua intersecção com o racismo.

1.2. Interseccionalidade: Raça, Gênero e a Experiência de Mulheres Negras

O termo "interseccionalidade" foi pela primeira vez usado pela jurista e intelectual negra estadunidense Kimberlé Crenshaw, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*, em português *Desmarginalizando a Interseção entre Raça e Gênero: Uma Crítica Feminista Negra à Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Política Antirracista* publicado em 1989. O conceito é usado para trazer luz à discussão como crítica a análise isolada das opressões sofridas por mulheres, tanto nas teorias feministas quanto nas políticas antirracistas, negligenciando as experiências únicas das mulheres negras (Crenshaw, 1989). Compreender a interseccionalidade vai além de apenas reconhecer que existem diferentes tipos de opressão, como as fundamentadas em raça, gênero, classe ou sexualidade, é também compreender como ferramenta analítica desenvolvida a partir do pensamento feminista negro (Crenshaw, 1989; Collins, 2000; Akotirene, 2019). É preciso investigar como essas discussões se atravessam, se sobrepõem e comunicam, gerando experiências únicas e particulares de subordinação e como necessitam de resistência. Embora Crenshaw (1989) tenha popularizado o conceito no âmbito acadêmico e jurídico, as ideias fundamentais da interseccionalidade já vinham sendo discutidas há décadas por ativistas e intelectuais negras. Desde o século XIX, figuras como Sojourner Truth (2014), com seu famoso discurso denominado *Ain't I a Woman?*,

traduzindo *E eu não sou uma mulher?*, que foi proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres de 1851 em Akron, Ohio, chamava a atenção para o grande dilema do feminismo hegemônico, que tende a universalizar a experiência feminina, tomando como modelo a realidade de mulheres brancas, excluindo as especificidades da intersecção do gênero com a racialidade negra ou indígena. A autora, feminista e intelectual negra, Djamila Ribeiro (2017) remete ao discurso de Truth (2014) para ressaltar a discussão sobre a interseccionalidade e que a necessidade de considerar raça, orientação sexual, identidade de gênero e classe, não é recente, mas tem sido historicamente invisibilizada, e o exemplo de Sojourner Truth serve para ilustrar essa longa trajetória de resistência e produção intelectual das mulheres negras, desde antes do período escravocrata.

O campo dos estudos feministas deve ser um campo heterogêneo transpassado pela diversidade de abordagens, categorizações e análises, apontando para a indissociabilidade entre a condição de ser mulher e a condição de ser negra, questionando a universalidade da experiência feminina reivindicada pelo feminismo branco no século passado (Carneiro, 2003). Ao longo do século XX, o pensamento feminista negro, tanto nos Estados Unidos – com nomes como Audre Lorde, Ângela Davis, bell hooks – quanto no Brasil – com Lélia Gonzalez (2020) sendo uma pioneira fundamental – desenvolveu análises críticas que enfatizavam a necessidade de considerar a coexistência das opressões.

A escrita da intelectual negra Akotirene (2019) tem como ideia central a rejeição da ideia de que uma opressão é mais importante que outra. Ela defende uma visão que reconhece como as diferentes lutas estão interligadas e acontecem ao mesmo tempo. A autora reforça que "não existe hierarquia de opressão", e que é impossível combater apenas uma forma de dominação de maneira isolada. A discussão racial não pode ser realizada fora na intersecção de gênero, assim:

[...] "raça" e gênero são inseparáveis. "Raça" não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da "raça". A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de "raça" e na experiência do racismo. O mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher muçulmana oprimida, o homem muçulmano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco

liberal são exemplos de como as construções de gênero e de "raça" interagem. (Kilomba, 2019, p. 94)

Assim, a interseccionalidade de raça e gênero é uma ferramenta analítica que surge diretamente da vivência e do trabalho intelectual de mulheres negras. Foram elas que, ao examinar suas próprias experiências de opressão, desenvolveram essa abordagem para entender e mudar as complexas estruturas de poder, e é a partir da discussão indissociável do lugar da mulher negra, não só na sociedade, como no mercado de trabalho. Compreender a interseccionalidade não se trata apenas de reconhecer a existência de diferentes eixos de opressão – como raça, gênero, classe, orientação sexual, entre outros – mas de investigar como esses eixos se atravessam, se sobrepõem e interagem, criando experiências únicas e específicas de subordinação e resistência.

1.3. A mulher negra no mercado de trabalho

De acordo com dados com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) 2022, realizada pelo IBGE, revela disparidades significativas na distribuição do trabalho doméstico e de cuidados entre diferentes grupos demográficos. Conforme demonstrado pela pesquisa, mulheres negras (pretas ou pardas) dedicam, em média, 22 horas semanais a atividades relacionadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, enquanto mulheres brancas destinam aproximadamente 20,4 horas semanais às mesmas funções. Em contrapartida, observa-se que homens, independentemente de sua classificação racial, apresentam uma média substancialmente inferior, correspondente a 11,7 horas semanais dedicadas a tais atividades. Assim, compreende-se como a dupla e até tripla jornada feminina, mais acentuadamente para mulheres negras, dificulta a inserção e progressão profissional.

Expondo na prática, pesquisas brasileiras têm trazido à tona uma perspectiva para analisar as trajetórias de mulheres negras em diversas áreas. Pesquisas como a de Coelho Júnior (2021) sobre executivas negras, Silva (2023) sobre identidade e trajetórias profissionais, e Xavier (2023) sobre mercado de trabalho e interseccionalidade, demonstram empiricamente como a combinação de racismo e sexismo estruturam e impactam o acesso, a permanência, a ascensão e os desafios e superações de mulheres negras no mundo corporativo. Essas pesquisas evidenciam a persistência de desigualdades, mesmo entre diferentes gerações, e a necessidade

de abordagens que considerem a complexidade das experiências interseccionais. Embora os próprios estudos apontam um possível debate sobre o reconhecimento e valorização da mulher negra ter ganho visibilidade na atualidade, a afirmação de que há um aumento efetivo na ascensão de mulheres negras a lugares de menor subalternidade, ou até a cargos de gestão como resultado de políticas de diversidade e inclusão corporativas ainda carece de evidências empíricas mais robustas e análises críticas aprofundadas.

No contexto organizacional e profissional, foco da presente discussão, a lente interseccional é particularmente relevante. Ela permite analisar como estereótipos de racialidade e de gênero impactam a trajetória de vida e profissional de mulheres negras, desde o acesso a cargos de liderança até a dinâmica cotidiana no ambiente de trabalho. Mulheres negras podem precisar lidar simultaneamente com questões racistas e sexistas, com a falta de representatividade em posições de poder nas organizações, com a pressão por desempenho alinhados a expectativas que não correspondem à sua realidade e com a necessidade de construir redes de apoio que suportem amenizar estes desafios. Estudos demonstram que os empregadores preferem contratar mulheres brancas em vez de homens para cargos tipicamente femininos. Em contraste, as mulheres negras não têm nenhuma vantagem sobre os homens da mesma cor.

Entende-se que no mercado de trabalho é fundamental à promoção da equidade e da inclusão, independentemente de gênero e raça, além do acesso às mesmas oportunidades de crescimento e desenvolvimento. Compreender como raça e gênero se entrelaçam na experiência organizacional dessas mulheres é fundamental para avançar em estudos e no fortalecimento da base teórica para a construção e no direcionamento de futuras investigações, além da identificação das lacunas deste campo de estudo.

3. Método de pesquisa

O presente trabalho foi um estudo quantitativo, com uma pesquisa de caráter bibliográfico. A pesquisa quantitativa é uma abordagem metodológica focada na coleta e análise de dados numéricos para compreender e explicar fenômenos. Utiliza técnicas estatísticas para transformar dados brutos em informações úteis, permitindo aos pesquisadores medir variáveis, testar hipóteses e identificar relações entre elas. Análises descritivas são usadas para resumir os

dados, enquanto análises inferenciais permitem tirar conclusões sobre a população a partir de amostras (Creswell e Creswell, 2017).

Uma das principais vantagens da pesquisa quantitativa e bibliográfica é sua capacidade de generalizar os resultados de uma amostra representativa para uma população maior.

Inicialmente, buscou-se realizar uma pesquisa na literatura a respeito das conceituações de machismo, misoginia, racismo e a interseccionalidade de raça e gênero.

Realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico com dados levantados na base de dados *Scopus* da Elsevier, que é reconhecida por sua abrangência mundial e multidisciplinar — incluindo ciências científicas, médicas, técnicas e sociais, e foi selecionada por conter literatura relevante, pertencente a base de periódicos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para análise desta pesquisa bibliográfica utilizou-se os seguintes termos de busca concatenados aos operadores booleanos (and e or), necessários para que o retorno dos dados sejam satisfatórios à proposta da pesquisa: “black women” OR “black woman” OR “mulheres negras” OR “mulher negra” AND “labour market” OR “job market” OR “trabalho” OR “mercado de trabalho”.

A busca no banco de dados da *Scopus* foi focada nos campos de Título do Artigo, Resumo e Palavras-chave, identificando-se as seguintes variáveis que serão analisadas na seção Resultados: quantidade de publicações por ano; autores que publicaram; os países que mais abordaram a temática; áreas temáticas que mais publicam sobre o assunto; as Instituições que mais publicaram e os autores mais citados.

Para análise buscou-se quantificar também os autores, países e Instituições com maior número de publicações, e os principais periódicos que abordam a temática de mulheres negras no mercado de trabalho.

Estabeleceu-se um recorte temporal dos últimos dez anos para a produção científica, abrangendo o período de 2015 a 2024, a fim de capturar as tendências mais recentes e relevantes, bem como os desenvolvimentos contemporâneos na abordagem da interseccionalidade de gênero e raça neste contexto. Este recorte temporal permite uma compreensão atualizada das dinâmicas e desafios enfrentados por mulheres negras no ambiente

profissional, fornecendo uma base sólida para futuras investigações e intervenções. O ano de 2025 foi descartado pela temporalidade da coleta destes dados, que foi realizada em meados do ano de 2025.

A seleção dos artigos, pautada exclusivamente pela presença das expressões de busca no resumo, título e palavras-chave, pode se constituir de um fator limitante. Reconhece-se, portanto, a probabilidade de exclusão de artigos relevantes sobre mulheres negras no mercado de trabalho que não contivessem o termo nessas seções. Não obstante, a aplicação desse critério de filtro é considerada válida, uma vez que contribui para a redução de erros de classificação temática no banco de dados.

Este levantamento resultou em uma amostra de 57 artigos, com a associação das temáticas de mulheres negras, trabalho e mercado de trabalho.

Após a obtenção dos dados, torna-se imperativo proceder à sua análise e interpretação. Nesta etapa, foram empregados cálculos estatísticos descritivos, incluindo a análise de frequência absoluta e porcentagem. Tais cálculos estatísticos foram executados com o auxílio do software Excel. Esse momento caracteriza-se pela análise na qual o pesquisador, a partir dos dados estatísticos, busca levantar respostas e relações (Marconi; Lakatos, 2010).

4. Resultados

Esta seção tem como objetivo apresentar uma análise quantitativa dos dados coletados organizados. Conforme informado na seção anterior, a busca na base de dados da *Scopus* retornou um quantitativo de 57 artigos, contemplados por um recorte de período de dez anos, compreendido entre 2015 e 2024, conforme demonstrado na Tabela 1. O ano de 2024 se destaca com o maior número de publicações, totalizando 10 artigos. É importante notar que não há uma tendência clara de aumento ou diminuição no número de publicações ao longo dos anos. Os dados mostram flutuações, sem um padrão consecutivo de crescimento ou declínio, mas há um avanço se considerarmos os últimos dois anos analisados.

Tabela 1 - Quantidade de artigos publicados por ano

Ano	Quantidade de Artigos	Porcentagem
------------	------------------------------	--------------------

Tabela 1 - Quantidade de artigos publicados por ano

2024	10	17,5%
2023	5	8,8%
2022	7	12,3%
2021	9	15,8%
2020	7	12,3%
2019	4	7,0%
2018	5	8,8%
2017	6	10,5%
2016	1	1,8%
2015	3	5,3%

Fonte: Construção dos autores

A Tabela 2 detalha os dez autores que mais publicaram sobre a temática no período de 2015 a 2024. A pesquisa identificou Koji Chavez, Susila Gurusami, Maximus Monaheng Sefotho e Katherine Weisshaar como os autores com o maior número de publicações, com 2 artigos cada. Os demais autores exibidos na amostra contribuíram com 1 artigo cada. Numa pesquisa na base de dados da *Scopus*, identifica-se uma forte característica na pesquisa de Koji Chavez, convergindo-se amplamente nas desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho e no ambiente de trabalho. A autora Susila Gurusami é pesquisadora de raça, gênero, trabalho e política. Sefotho, M.M., tem sua pesquisa concentrada na deficiência, transição de carreira de jovens com deficiência e pessoas que não estão nem em educação, emprego ou treinamento. A pesquisa de Weisshaar, K. se concentra nos processos de estratificação econômica e de gênero dentro das famílias, locais de trabalho e da sociedade. Estas intersecções também influenciam diretamente os processos de tomada de decisão de mulheres negras no ambiente organizacional e tais decisões são constantemente analisadas sob a dupla perspectiva de gênero e raça, conforme defendido por Crenshaw (1989), o que gera dilemas decisórios específicos não vivenciados por outros grupos.

Tabela 2 - Quantidade de artigos publicados por autor

Autor	Quantidade de Artigos
--------------	------------------------------

Chavez, K.	2
Gurusami, S.	2
Sefotho, M.M.	2
Weisshaar, K.	2
Acosta-Calle, Y.V.	1
Aisenbrey, S.	1
Alenda-Demoutiez, J.	1
Alonso-Villar, O.	1
Alterman, T.	1
Anjur-Dietrich, S.	1

Fonte: Construção dos autores

A Tabela 3 detalha apenas os oito países com maior número de publicações. Os Estados Unidos lideram a produção científica com 26 artigos, o que representa 45% do total da amostra. Em seguida aparece o Brasil com 14 artigos, o que representa 24% das publicações. A África do Sul possui 3 artigos e Alemanha e Israel, 2 artigos publicados cada. O Canadá, o Chile e a Colômbia fecham a lista com 1 artigo cada. Por apresentar uma longa lista, em ordem alfabética, de países com 1 publicação, os demais foram suprimidos. Analisando três dos quatro autores com o maior número de publicações - Koji Chavez, Susila Gurusami e Katherine Weisshaar - estes são pesquisadores vinculados às Instituições de ensino norte-americanas.

Tabela 3 - Quantidade de publicações por país

País	Quantidade de Artigos
Estados Unidos	26
Brasil	14
África do Sul	3
Alemanha	2
Israel	2
Canadá	1
Chile	1
Colômbia	1

Fonte: Construção dos autores

A Tabela 4 detalha a distribuição das publicações por área temática, revelando que as Ciências Sociais lideraram a produção científica com 43 artigos publicados, o que significa 47% da amostra. A listagem exhibe as oito áreas temáticas com maior atribuição de artigos publicados. É importante ressaltar que, como os artigos podem ser classificados em mais de uma área temática, o total de classificações por área excede o número total de 57 artigos publicados no período de 2015 a 2024. A área de Negócios, Gestão e Contabilidade vem em segundo lugar com 15 artigos publicados, a área de Artes e Humanidades (12 artigos), Economia, Econometria e Finanças (10 artigos), a área de Psicologia (6 artigos), Medicina (4 artigos) e as demais áreas com 1 artigo publicado cada. É importante os destaques das áreas de Ciências Sociais e Negócios, Gestão e Contabilidade como as que mais publicam sobre o tema, o que mostra a intersecção dos assuntos necessários para os estudos de mulheres negras e mercado de trabalho, podendo sugerir uma possível ligação necessária para a discussão dos processos de tomada de decisão de mulheres negras no ambiente organizacional.

Tabela 4 - Quantidade de publicações por Área Temática

Área temática	Quantidade de artigos publicados
Ciências Sociais	43
Negócios, Gestão e Contabilidade	15
Artes e Humanidades	12
Economia, Econometria e Finanças	10
Psicologia	6
Medicina	4
Multidisciplinar	1
Neurociência	1

Fonte: Construção dos autores

Além das áreas com maior volume de publicações, a pesquisa também identificou as instituições com o maior número de autores vinculados. A Tabela 5 apresenta as dez primeiras colocadas nesse quesito, conforme levantamento na base de dados. A instituição que teve maior destaque foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com 3 artigos publicados. É relevante notar a presença de universidades brasileiras com frequência nesta lista. Além da UFRJ, temos a Universidade Federal Fluminense (UFF), o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que aparecem na lista com 2 artigos publicados cada. O quantitativo de publicações em dez anos ainda é pequeno, o que mostra a necessidade de reforçar a abordagem da temática de mulheres negras no mercado de trabalho, em pesquisas. Por outro lado, apesar da Tabela 3 trazer os Estados Unidos na liderança da produção científica com 26 artigos, o Brasil figura em destaque, estando em segundo lugar nos países com maior número de publicações, mostrando a importância que autores brasileiros estão dando a este tipo de estudo. Ademais, podemos concluir que estas Universidades brasileiras que aparecem na lista são responsáveis por 79% das publicações nacionais, de 2015 a 2024.

Tabela 5 - Quantidade de autores vinculados a cada Instituição

Instituições	País	Quantidade de autores
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Brasil	3
Universidade Federal Fluminense	Brasil	2
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Brasil	2
Universidade de São Paulo	Brasil	2
Duke University	Estados Unidos	2
The University of Texas at Austin	Estados Unidos	2
University of Pretoria	África do Sul	2
The University of North Carolina at Chapel Hill	Estados Unidos	2
University of Southern California	Estados Unidos	2
Universidade Federal de Minas Gerais	Brasil	2

Fonte: Construção dos autores

Para finalizar esta investigação bibliométrica e as análises dos dados encontrados, os artigos foram submetidos a uma análise de impacto por meio do quantitativo de citações por autor, com seus respectivos anos de publicação. A pesquisa identificou os dez autores mais citados, conforme detalhado na Tabela 6. As autoras Christy Koji Koval e Susila Gurusami se sobressaem como as autoras mais citadas, com 65 citações cada, seguido por Michelle Holder (57 citações), Demeke Fekedulegn e Jenifer Laird (32 citações cada). Os demais autores têm entre 28 e 17 citações de seus artigos. Analisando os artigos mais citados, os temas versam pelo preconceito pelas características fenotípicas negras até a prevalência de discriminação e maus-tratos no local de trabalho e no recrutamento de empregos; sobre mulheres negras ex-

presidiárias e a punição no mercado de trabalho; a perda do emprego de mulheres negras no pós-covid e a desigualdade no emprego no setor público nos EUA. Estas são algumas das temáticas exploradas nos artigos mais citados, reforçando a importância de se pesquisar e debater a tomada de decisão para mulheres negras no mercado de trabalho, que abrangem desde a promoção da equidade e justiça social até o aprimoramento da performance e inovação organizacional. A questão central trazida no artigo da autora mais citada, do “preconceito pelo cabelo natural no recrutamento de empregos” (Koval, 2021), conversa diretamente com a discussão sobre as micro agressões às características de mulheres negras (Kilomba, 2019; Akotirene, 2019), reafirmando a urgência e importância da discussão do tema e criação de mecanismo de combate ao racismo relacionado a estética.

Tabela 6 - Quantidade de citações por autor

Autor	Ano Publicação	Quantidade de citações
Koval, C.Z.	2021	65
Gurusami, S.	2017	65
Holder, M.	2021	57
Fekedulegn, D.	2019	32
Laird, J.	2017	32
Fasang, A.E.	2022	28
Paul, M.	2022	26
Mandel, H.	2021	19
Alenda-Demoutiez, J.	2020	19
Chavez, K.	2022	17

Fonte: Construção dos autores

Tal como proposto por Creswell e Creswell, (2017), a metodologia bibliométrica pode ser interpretada como um plano estratégico para investigar o panorama científico de um determinado campo. Estabelecida a abordagem metodológica para a coleta e análise dos dados, integra-se a ela a identificação e a justificação de um problema de pesquisa a partir de uma análise sistemática na literatura. Finalmente, este estudo buscou detalhar como os dados bibliográficos foram coletados (bases de dados, periódicos, palavras-chave) e analisados para responder à questão central do estudo, que, sob uma ótica bibliométrica, frequentemente envolve a compreensão da estrutura, evolução e impacto da produção científica.

5. Discussão

O presente estudo fez o levantamento mais recente sobre os cenários de mulheres negras no mercado de trabalho a partir da interseccionalidade e realizou a análise bibliométrica da produção científica entre os anos de 2015 e 2024, a partir da base de dados *Scopus*, aplicando termos de busca concatenados à operadores booleanos, devidamente identificados na seção Metodologia, perfazendo um total de 57 artigos. Embora não haja uma tendência linear de crescimento ao longo dos últimos dez anos, observa-se um avanço no quantitativo de publicações nos últimos dois anos analisados, com 2024 se destacando com o maior número de artigos (10 publicações). Este dado, apesar de flutuante, sugere um crescente interesse na temática.

Em relação às análises por autores, Koji Chavez, Susila Gurusami, Maximus Monaheng Sefotho e Katherine Weisshaar foram os mais prolíficos, com dois artigos cada. A concentração da pesquisa de Chavez e Gurusami em desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho e ambiente de trabalho, respectivamente, ressalta a relevância dessas abordagens. Geograficamente, os Estados Unidos lideram a produção científica com 26 artigos (45% da amostra), seguidos pelo Brasil com 14 artigos (24%). A presença significativa do Brasil, com universidades como UFRJ, UFF, IBGE, USP e UFMG entre as instituições com maior número de autores vinculados, demonstra o engajamento de pesquisadores brasileiros na temática.

6. Conclusões

A presente análise bibliométrica e teórica sobre mulheres negras no mercado de trabalho sob a perspectiva da interseccionalidade de gênero e raça revelou um panorama complexo e multifacetado, essencial para a compreensão das dinâmicas que afetam a trajetória profissional de mulheres negras. A pesquisa demonstrou que as desigualdades de gênero e raça, manifestadas através de fenômenos como machismo, misoginia e racismo estrutural, impõem desafios singulares e permeiam os processos decisórios de mulheres negras no ambiente organizacional, como defendido por Akotirene (2019). A lente interseccional, popularizada por Crenshaw (1989), mostrou-se uma ferramenta analítica indispensável para desvelar a

sobreposição dessas opressões, gerando experiências únicas de subordinação e a necessidade de resistência.

Podemos concluir que o volume de produção é aquém da importância da temática e evidencia a urgente necessidade de busca pela equiparação de mulheres negras nas organizações. Evidencia também uma lacuna significativa na literatura nacional e internacional sobre o tema. Esta carência ressalta a urgência de mais estudos aprofundados sobre a situação das mulheres negras no mercado de trabalho.

Uma oportunidade clara reside na expansão da pesquisa empírica. Embora o estudo tenha identificado pesquisas brasileiras que trazem à tona as discussões sobre mulheres negras, como as de Coelho Júnior (2021), Silva (2023) e Xavier (2023), ainda há necessidade de evidências empíricas mais robustas e análises críticas aprofundadas sobre o aumento efetivo na ascensão de mulheres negras a cargos de gestão como resultado de políticas de diversidade e inclusão corporativas, a identificação concreta dos lugares ocupados por mulheres quando falamos de trabalho, e o aprofundamento de estudos qualitativos sobre os dilemas decisórios vivenciados por mulheres negras no ambiente de trabalho.

A ampliação da produção científica nesse campo não só contribuirá para a promoção da equidade e justiça social, mas também para o aprimoramento da performance e inovação organizacional, ao reconhecer e valorizar a pluralidade de talentos e perspectivas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CAVALCANTI, J. V. A. **Misoginia como retórica política: o caso do movimento antissufágio**. Revista *Ártemis*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 401–421, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.53123. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/53123>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COELHO JÚNIOR, P. J.; OLIVEIRA, J. S.; BORGES, L. O. **Gênero, Raça e Diversidade: Trajetórias Profissionais de Executivas Negras.** Organizações & Sociedade, Salvador, v. 28, n. 97, p. 266-291, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/8X5MKK8D4TmgTxbQ4nTgfMn/?lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.** 2nd ed. New York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos.** Porto Alegre: Artmed, 2003

FERREIRA, C. A. A.; TEIXEIRA, E. G. **Organizações 4.0: tendências de empregabilidade para as mulheres negras brasileiras.** NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia, v. 11, n. único, art. 20, p. 0-0, 20214.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Flávia Rios; Márcia Lima (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10073/0?indicador=91265&tipo=grafico>. Acesso em: 29 de jun. de 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOVAL, C. Z.; ROSETTE, A. S. **The Natural Hair Bias in Job Recruitment.** *Social Psychological and Personality Science.* 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1948550620937937>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Andréa Franco Lima e. **Quando as mulheres negras se movimentam: identidade e trajetórias profissionais de mulheres negras no mundo branco**. 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/31344>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SOJOURNER Truth. **E não sou uma mulher?**. In: GELEDÉS - Instituto Da Mulher Negra. [2014]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth>. Acesso em: 25 jun. 2025.

XAVIER, Paula Ribeiro. **Mercado de trabalho e interseccionalidade: a trajetória profissional da mulher negra em relação à raça, classe e gênero**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/3384>. Acesso em: 15 jun. 2025.